

DE ANIMAIS E DE LITERATURA

ROSA, KAFKA E COETZEE¹

ANIMALS AND LITERATURE: ROSA, KAFKA, AND COETZEE

Eneida Maria de Souza*

Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal de São João Del-Rei

RESUMO

A intenção em colocar os textos em confronto obedece à proposta de desdobramento dos temas aflorados pelo *Diário de guerra*, de Guimarães Rosa, pela coincidência verificada, no conto de Kafka e no texto de Coetzee, a respeito das experiências científicas relativas à evolução da espécie: em Kafka, essas experiências sofrem o processo de metaforização; em *A vida dos animais*, são documentados e discutidos de forma irônica e sob vários pontos de vista.

PALAVRAS-CHAVE

Animais, literatura, experiências científicas, diário,
Guimarães Rosa

Carl Hagenbeck, no princípio do século 20, funda o Zoológico de Hamburgo e contracenava com Guimarães Rosa numa relação coincidentemente paradoxal. As visitas do escritor ao Zoológico, durante sua estada em Hamburgo como vice-cônsul, entre 1938 e 1942, e seu *Diário de guerra*, ainda inédito, registram passagens relativas à atração de Rosa pela vida animal, assim como os desdobramentos que essa atração apresenta em sua obra. Num período em que a iminência da guerra coincidia com o avanço modernizador e excludente da ciência, a organização racionalista dos zoológicos exposta à visitação representava um diálogo com seu tempo. Fruto do imperialismo expansionista, do exotismo como símbolo da diferença e da dominação antropocêntrica da raça branca, os zoológicos europeus atuavam como contrapartida popular e de massa ao discurso da ciência. Espetáculo, ciência e literatura se aproximam e se contrapõem, ao dirigirem olhares diferentes aos animais, ao transmitirem saberes que reiteram e deslocam visões da cultura frente à natureza. Guimarães Rosa, habitual visitante dos zoológicos e leitor

*eneidamariasouza@gmail.com

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos, e do CNPq, como bolsista de Produtividade em Pesquisa.

de Hagenbeck – seu livro de memórias, *Von Tieren und Menschen* [De animais e de homens], faz parte da biblioteca do escritor –, desconstrói o saber hegemônico dos humanos e se encarna na voz dos animais.

“O burrinho pedrês” já estava pronto, esperando apenas a última revisão, quando os alarmes de bomba serviam de pano de fundo para os trabalhos do Consulado e para o relato das visitas ao Zoológico, onde Rosa registrava e aprimorava o olhar para o inusitado, o outro e o fora do pensamento animal. Se a aventura de Hagenbeck, iniciada com o comércio de animais, seguida da função de diretor de circo e, finalmente, de criador do Zoológico, respondia pela exploração colonialista, diferente posição assumia o escritor diante da contemplação dessa cena. Investido do saber-animal, do deslocamento da perspectiva cultural e humanista diante do outro, Rosa procede como o devir-escritor, pelo entrelaçamento entre experiência da escrita e a visão diante do outro, ao atingir um nível de impessoalidade capaz de anular interioridades subjetivas. Falar no lugar do outro seria uma forma de se expressar de modo enviesado, dessubjetivado, como se estivesse incrustado na pele do fora, do alheio. O *Diário de guerra* e os relatos fragmentados sobre as visitas de Rosa aos zoológicos encenam essa desterritorialização processada tanto do ponto de vista humano quanto animal. No entender de Deleuze, o *devir-animal* tem a estrutura do rizoma, sem que se produza aí qualquer tipo de filiação, mas que se configura em termos de aliança e de simbiose. Constata-se “a superação da hierarquia e organizações humanas, sem elevar o animal à condição de sujeito de direito ou restaurar seu estatuto de espécie dominada pelo homem, embora afirme que o animal permite a transformação do humano.”² Rosa teria concordado com o filósofo ao discorrer, na crônica “Pé-duro, chapéu de couro”, presente em *Ave, palavra*:

O vaqueiro é o pastor do boi, do boi bravoio.

Boi, que, sendo um dos primeiros animais que o homem soube prender a si e que pelo planeta o acompanharam, deles é o único que fortuitamente pode encontrar-se restituído, perto do homem, à sua vida primitiva e natural, no regime pastoral do *despotismo na larga*, na *solta*; – e já que, o puro ofício de viver, nos bichos se cumpre melhor – o justo que haveria em estudar-se, nas condições, *seu* esboçar-se de alma, seu ser, seus costumes obscuros.³

O “puro ofício de viver” atribuído ao saber dos bichos retoma o grau zero da vida na natureza, à *différance* derridiana, ao estágio pré-simbólico, criando uma zona de indistinção, domínio do indeterminado, do imprevisível, do que se entende por devir. A literatura e a filosofia se alimentam desse saber indecível, desse “esboçar-se de alma”, atitude que se vincula à liberdade de expressão do outro. Esvaziando no humano o poder do conhecimento único e hierarquizado, busca-se pela escrita a reivindicação de uma língua primordial, sem traços de origem absoluta. Minidescrições de animais são feitas por meio da visão gramaticalizada e linguageira, referência que se processa quanto ao início naturalizado da língua. Cito Rosa, no texto “Zoo”: “O dromedário, apesar-de. O camelo, além-de. A girafa, sobretudo.”⁴ Poderíamos assim concluir: no princípio, o advérbio.

² CANGI. Anomalías. Gilbert Simondon, una filosofía de la individuación, p. 92.

³ ROSA. Pé-duro, chapéu de couro, p. 136.

⁴ ROSA. Zoo, p. 114.

No *Diário de guerra*,⁵ Rosa rascunha impressões sobre os animais, seja aqueles que contempla no Zoológico, seja os que encontra no decorrer dos passeios nos arredores de Hamburgo. Opera-se a metáforização dos acontecimentos ligados ao ambiente de guerra, pela animalização e naturalização desses fatos, além da construção de enredos protagonizados pelas aves que compõem a paisagem. “Tiroteio brabo, bombas, noite clara. Os holofotes apanharam um avião, por duas vezes; como uma mosca de prata, pequenina.”⁶ (...) “Há pouco, vi um avião colhido pelos holofotes: uma cruzeta, uma libélula de ouro, uma estrelinha novamente. Conseguiu safar-se.”⁷ A comparação entre os dispositivos de guerra e seres da natureza não só diminui o sentimento de medo do sujeito como esvazia o horror dos ataques. A referência à “mosca de prata”, à “libélula de ouro” e a “uma estrelinha”, para renomear os holofotes, condensa natureza e cultura e desloca a imagem comum do acontecimento, poetizando-o.

No segundo momento, a contemplação idílica do poço de marrecos, na qual se mesclam, no entender do escritor, tranquilidade e afastamento do clima de guerra com o diálogo criado entre os marrecos, os sons onomatopáicos e o animismo, procedimentos capazes de lhes conferir certo poder de expressão:

Em Hitfeld, paramos num local.
Hunderjahrige – (*Schnaps*). Ótimo presunto cru. Ficamos perto da pérgula florentina, com as *Pappeln*. Paisagens de pic-nic. Junto ao poço dos marrecos. Peixes. Carpas, etc. Grande peixe preto.
O marreco abana o rabo, resolvendo qualquer questão.
Os marrecos se dão à água, peito em proa.
Um grilo no capim implica.
O marrequinho dá de cauda.
Canvasback duck.
Quaqueio de marreco.
Marreco branco, bico amarelo, olhinhos pretos, redondinhos, laterais, brilhantes, puntiformes, metidos naquela imensidão branca, como bagas de erva – moura.
Quac, quac, quac, quac...
Os marrecos quacam sem abrir o bico.⁸

O título do livro póstumo, *Ave, palavra*, no qual estão reunidos, entre outros textos, relatos das visitas do escritor aos zoológicos do Brasil e da Europa, condensa a sabedoria e a poesia inerentes ao reino animal, vistas sob o ângulo do devir-escritor. A lição das aves instaura a saudação à literatura e ao saber filosófico contidos na captação da experiência da natureza. A saudação à palavra é mediatizada pelo sentido atribuído à classe dos pássaros, ao voo da imaginação. São textos mais elaborados do que os anotados

⁵ ROSA. *Diário de guerra*.

⁶ ROSA. *Diário de guerra*, p. 56, 18/X/1940.

⁷ ROSA. *Diário de guerra*, p. 94, dia 10; 11 de maio de 1941.

⁸ ROSA. *Diário de guerra*, p. 38-39, 4/VIII/1940.

no *Diário*, embora a natureza desses rascunhos funcione como os bastidores de criação futura, rascunhos que o escritor não abre mão em momento algum. Pensar/escrever como se fosse o outro depende de longo aprendizado do Rosa com seus personagens:

Pelicano: velho bicudo. Seu bico pensa. Sua presença semi-ébria, equibêbada.

O cachorro vive as sobras da vida humana. O macaco, suas sombras.

Só o cintilante instante sem futuro nem passado: o beija-flor.⁹

Sobras e sombras, um bico que pensa – do resíduo humano, do duplo e da força do instante, precário e efêmero da existência do beija-flor, tem-se a constatação da sabedoria ecosófica, ao ser apropriado, aqui, o pensamento de Eduardo Viveiros de Castro sobre o que entende por “perspectivismo ameríndio”. A transformação dos conceitos em entidades sensíveis ou das intuições em algo inteligível atribui aos animais o dom da espiritualização, não se distinguindo, portanto, dos humanos. Lições de temporalidade instantânea do beija-flor e de semiembriaguês do tucano reforçam a reviravolta de olhar tributária do perspectivismo, no qual o neoanimismo, segundo o antropólogo, “se revela como reconhecimento da mestiçagem universal entre sujeitos e objetos, humanos e não humanos. Contra a *hybris* moderna, os ‘híbridos’ primitivos e amodernos”.¹⁰

“O macaco, suas sombras”, encontra eco no conto de Kafka, “Um relatório para uma academia”, de 1917.¹¹ Esses textos, reunidos em torno do tratamento da questão do animal na ficção moderna e da discussão sobre os equívocos produzidos pela razão científica, motiva a criação de um fio de raciocínio entre o conto de Kafka, a referência, nesse conto, à empresa de Carl Hagenbeck, captadora de animais para o Zoológico em Hamburgo, além de discussões promovidas pela personagem Elizabeth Costello, nos livros de J. M. Coetzee *A vida dos animais* e *Elizabeth Costello*.

A intenção em colocar os textos em confronto obedece à proposta de desdobramento dos temas aflorados pelo *Diário de guerra*, de Guimarães Rosa, pela coincidência verificada, no conto de Kafka e no texto de Coetzee, a respeito dos experimentos científicos relativos à evolução da espécie: em Kafka, esses experimentos sofrem o processo de metaforização; em *A vida dos animais*, são documentados e discutidos de forma irônica e sob vários pontos de vista. Se no texto do escritor tcheco encena-se a transformação do macaco em homem, graças aos “avanços” e mistérios da ciência, questiona-se, contudo, o progresso científico e a natureza híbrida de Pedro Rubro, personagem caracterizada por sua ambiguidade, entre animal e homem. O mais curioso é que sua sobrevivência é atribuída à Companhia Hagenbeck, que o capturou, o amestrou e o expôs como ator do teatro de variedades e por ser a mesma responsável pela “domesticação” dos animais oriundos da África para serem atração nos espetáculos europeus. Na condição de homem/animal, Pedro Rubro é elevado ao posto de conferencista, ao comparecer diante dos doutos da academia e relatar sua autobiografia. A situação narrada por Kafka representa

⁹ ROSA. Zoo, p. 115, 118, 119.

¹⁰ VIVEIROS DE CASTRO. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio, p. 125.

¹¹ KAFKA. Um relatório para uma academia.

um dos grandes libelos contra a violência e a barbárie impostas aos animais e aos humanos, os quais, ao serem capturados como bárbaros e monstruosos, compõem o painel selvagem imposto pelo olhar imperial e pela razão positivista.

De modo indireto, o fundador do Zoológico de Hamburgo torna-se personagem de Kafka, como representante das expedições colonialistas e por ter sido um dos pioneiros ao perceber a oportunidade de juntar os conceitos de parque zoológico e de circo num mesmo lugar e de tornar o espetáculo acessível a um vasto público. “Um relatório para uma academia”, ao utilizar como procedimento discursivo a conferência, ironiza essa forma de transmissão de saber, ao provocar semelhante efeito de recepção numa audiência acostumada a se divertir com as peripécias dos animais/monstros.

Entre a exibição e o controle do discurso por Pedro Rubro, legítimo/ilegítimo representante do avanço da ciência, ao se apoderar da fala e do poder – e dos vícios – dos humanos, denuncia na pele e na sua imagem o preconceito que ainda vigorava nos meios científicos. Exibir-se como ser híbrido reforça a fascinação do outro, ao permitir a projeção de fantasmas, a atração pelo seu corpo erotizado e meio selvagem, ao lado da inteligência servida sob a forma de um relatório próprio da raça humana:

Esses meus progressos! Essa penetração por todos os lados dos raios do saber no cérebro que despertava! Não nego: faziam-me feliz. Mas também admito: já então não os superestimava, muito menos hoje. Através de um esforço que até agora não se repetiu sobre a terra, cheguei à formação média de um europeu. Em si mesmo talvez isso não fosse nada, mas é alguma coisa, uma vez que me ajudou a sair da jaula e me propiciou essa saída especial, essa saída humana.¹²

A saída não corresponde à liberdade, mas à maneira de se safar do jugo humano, de se comportar de forma mimética em relação a eles, uma vez que a saída implicaria a existência intermediária entre humano/animal, em ganhos e perdas, sem que um lado se sobrepujasse ao outro. Diferentemente da mentalidade positivista, da valorização da inteligência animal como aprendizado e avanço das lições humanas, a saída kafkiana despreza essa superioridade e horizontaliza virtudes e vícios. De forma contrastiva e irônica, Pedro Rubro responde aos preconceitos darwinistas e assim se exprime:

Tenho medo de que não compreendam direito o que entendo por saída. Emprego a palavra no seu sentido mais comum e pleno. É intencionalmente que não digo liberdade. Não me refiro a esse grande sentimento de liberdade por todos os lados. Como macaco talvez eu o conhecesse e travei conhecimento com pessoas que têm essa aspiração. Mas no que me diz respeito, eu não exigia liberdade nem naquela época nem hoje. Dito de passagem: é muito freqüente que os homens se ludibriem entre si com a liberdade.¹³

Publicado em 1908, *Von Tieren und Menschen* [De animais e de homens] recebe de Hagenbeck o efusivo elogio ao comportamento inteligente e imitativo de três espécies de macaco, o que motiva a comparação entre documento e ficção, entre o texto de Kafka e o do criador do Zoológico, diálogo que poderá ter sido arquitetado de forma irônica e desconstrutora. Devir-homem e devir-animal consistem numa operação

¹² KAFKA. Um relatório para uma academia, p. 71.

¹³ KAFKA. Um relatório para uma academia, p. 64.

paradoxal, na qual convivem, sem qualquer critério de filiação, ou qualquer sentimento de superioridade entre as espécies.

Rosa entraria aqui como leitor de ambos? Cito Hagenbeck:

Os animais antropóides eram representados pelo chimpanzé Moritz e o par de orangotangos Jacó e Rosa. Comprei os dois últimos de um fazendeiro de Bornéu que os recolheram bem pequenos e os criaram com a mamadeira. Durante sete anos viveram em companhia dos humanos, tendo refeições à mesa com a família e recebendo o mesmo alimento. Em resumo, eles foram tratados como crianças e sabiam perfeitamente se comportar à mesa, costume que conservaram em Stellingen. Para compensar seu isolamento, eu lhes reservei um guarda especial que constantemente se ocupava deles. Esperei exercer assim uma influência moral sobre eles, a fim de impedi-los de lamentar muito a perda de sua liberdade.¹⁴

O conto de Kafka, quando discutido na conferência proferida por Elizabeth Costello, intitulado “Os filósofos e os animais” e presente no capítulo do livro *A vida dos animais*, de Coetzee, é motivo de discussões acadêmicas entre várias personagens, o que motiva o tom irônico dos diálogos. São ainda mencionados exemplos literários, experimentos realizados pelo cientista Wolfgang Kohler, especialista em avaliar a capacidade e inteligência dos macacos, com laboratório sediado em Tenerife. Esses experimentos, desenvolvidos em 1917, logo, na mesma data da escrita do conto, teriam talvez influenciado Kafka na composição da narrativa, segundo a opinião de Elizabeth Costello, sem que ela confirmasse o conhecimento do escritor sobre o fato. Predomina, ainda, no debate, a crítica ao discurso acadêmico, principalmente em virtude da obsessiva busca de fontes e influências da conferencista, visando legitimar ou não a obra de determinado autor. Mas o que de contraditório e preconceituoso se depreende de sua fala é a constatação da necessidade de serem, tanto o escritor Kafka quanto Pedro Rubro, estéreis, pela contingência de gerarem monstros. Cito a passagem:

É tão difícil imaginar o filho de Pedro Rubro como imaginar o filho do próprio Franz Kafka. Híbridos são, ou deveriam ser, estéreis; e Kafka considerava tanto a si quanto a Pedro Rubro como híbridos, como monstruosos engenhos pensantes inexplicavelmente acoplados a sofreadores corpos animais. O olhar que vemos em todas as fotos que restaram de Kafka é um olhar de pura surpresa, perplexidade, alarme.¹⁵

Um dos pontos comuns entre “Um relatório para uma academia” e o texto de Coetzee é a forma utilizada para a comunicação do tema: monólogo, relatório, por parte de Pedro Rubro e conferência, por parte de Elizabeth Costello. Trata-se de um procedimento discursivo que convida à escuta, ao diálogo com o outro, argumentos de persuasão endereçados a uma plateia de acadêmicos e de doutos. Remete, ainda, à ficcionalização das conferências ministradas pelo escritor em Princeton, pela utilização do artifício literário e, como consequência, nega a autoridade da voz do autor, delegando-a à personagem. A mistura de opiniões sobre o tema provoca, portanto, interpretações difíceis de serem levadas muito a sério. Esse mesmo procedimento é

¹⁴ HAGENBECK. *Cages sans barreaux*, p. 272-273.

¹⁵ COETZEE. *Os filósofos e os animais*, p. 38.

empregado por Kafka no “Discurso sobre a língua ídiche”, de 1912, texto de uma conferência dirigida a uma plateia formada por burgueses judeus. O objetivo do escritor é o de embaralhar identidades de todas as ordens, a começar pela linguística, ao denunciar a inexistência de língua pura, no caso, o alemão, pelo contágio com outras línguas, como o ídiche. É essa mesma questão identitária – abalada pelo ídiche, que contamina e se assemelha ao alemão – que se aproxima da função do monólogo de Pedro Rubro, pois, como o ídiche, espúrio e marginalizado, é ele também apresentado na sua natureza heterogênea e fora dos padrões da normalidade. Kafka, como escritor deslocado na língua usada na escrita – o alemão e não o tcheco –, denuncia as questões mais complexas ligadas à identidade, seja ela de qual nível for.

Coetzee brinca ainda com a semelhança entre Costello e Pedro Rubro, em *Elizabeth Costello*, por estar a conferencista dirigindo-se a um público desconhecido, em razão de se sentir apartada de seu ambiente natural. Mas o que conta, na realidade, é a incapacidade de definir a identidade dos conferencistas, sejam eles humanos ou híbridos, seres heterogêneos entre homem/animal, entre autor/personagem. Ironicamente, o procedimento mimetiza o papel da personagem kafkiana, em que se reproduzem relatórios e autobiografias dirigidas a plateias de épocas diferentes. Segundo a perspectiva alegórica – falar em praça pública e ampliar o sentido particular para o geral – a transmissão de saberes contraditórios e sujeitos a diferentes interpretações permite associações entre os referidos discursos.

Apropriando-me, mais uma vez, da citação de Eduardo Viveiros de Castro sobre o perspectivismo, “Viver é pensar: isso vale para todos os viventes, sejam eles amebas, árvores, tigres ou filósofos,”¹⁶ fecho esta breve incursão no universo ficcional/poético dos autores aqui mencionados. O perspectivismo, como o conceito de antropofagia oswaldiano, permitiria o diálogo entre escritores e antropólogos, entre a crítica literária e cultural como resposta ao reducionismo hegemônico de teorias ocidentais, à transcendência e à metafísica. A segunda conferência de Costello, “Os poetas e os animais”, ao utilizar-se da voz do poeta Ted Hughes, contribui ainda para a compreensão mais clara do devir-animal deleuziano, kafkiano e rosiano:

Nesses poemas, conhecemos o jaguar não pela sua aparência, mas pela maneira como se move. O corpo é na medida em que se move, ou na medida em que as correntes de vida se movem dentro dele. O poema nos pede para nos imaginarmos nesse jeito de se mover, nos pede para habitar aquele corpo.

(...) Eu responderia que os escritores nos ensinam mais do que sabem. Ao encarnar o jaguar, Hughes nos mostra que nós também podemos encarnar em animais, pelo processo chamado de invenção poética, que mistura alento e sentido de uma forma que ninguém jamais explicou, nem explicará. Ele nos mostra como trazer à vida o corpo vivo dentro de nós mesmos. Quando lemos o poema do jaguar, quando depois o relembramos com tranqüilidade, por um breve instante nos transformamos no jaguar. Ele estremece dentro de nós, toma posse de nosso corpo, ele é nós.¹⁷



¹⁶ VIVEIROS DE CASTRO. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos, p. 117.

¹⁷ COETZEE. Os poetas e os animais, p. 61-63.

RESUMÉ

Le propos de mettre en rapport des textes sur des animaux et sur la littérature a comme *corpus* d'analyse le *Journal de guerre* (*Diário de guerra*) de Guimarães Rosa, le conte de Kafka – “Rapport pour une académie” – et le texte de J. M. Coetzee – *La vie des animaux*. Les coïncidences vérifiées entre les textes sont tributaires des expériences scientifiques sur l'évolution des espèces: chez Kafka, ces expérimentations subissent le processus de méthaphorisation; chez *La vie des animaux*, ils sont documentés et discutés d'une forme ironique et sous plusieurs points de vue.

MOTS-CLÉS

Des animaux, littérature, expériences scientifiques, *Journal de guerre*, Guimarães Rosa

REFERÊNCIAS

- CANGI, Adrian. Anomalías. Gilbert Simondon, una filosofía de la individuación. In: SIMONDON, Gilbert. *Dos lecciones sobre el animal y el hombre*. Buenos Aires: Ediciones de La Cebra, 2008. p. 90-98.
- COETZEE, J. M. *Elizabeth Costello*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COETZEE, J. M. Os poetas e os animais. In: _____. *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 56-83.
- COETZEE, J. M. Os filósofos e os animais. In: _____. *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.19-55.
- HAGENBECK, Karl. *Cages sans barreaux*. Paris: Nouvelles Éditions de Paris, 1951.
- KAFKA, Franz. Um relatório para uma academia. In: _____. *Um médico rural*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 59-72.
- ROSA, João Guimarães. *Diário de guerra*. Arquivo Henriqueta Lisboa. Acervo de Escritores Mineiros. CEL/UFMG. Inédito. (Editado por Eneida Maria de Souza, Georg Otte e Reinaldo Marques)
- ROSA, João Guimarães. Pé-duro, chapéu de couro. In: _____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970. p. 123-143.
- ROSA, João Guimarães. Zoo. In: _____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970. p. 112-119.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos. In: _____. *Eduardo Viveiros de Castro: encontros*. Organização Renato Sztutman. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2007. p. 114-129.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 125, 1996.